



Revista do **CLUBE NAVAL**

ISSN 0102-0382 • ANO 133 • Nº 415 - JUL/AGO/SET 2025

DE SETEMBRO
Independência do
BRASIL

*“Do universo
entre as nações
resplandece
a do Brasil”*



SUMÁRIO

PALAVRAS DO PRESIDENTE

- 4 Alte Esq (RMI-FN) Alexandre José Barreto de Mattos

EDITORIAL

- 5 CMG (RMI) Alberto Piovesana Júnior

EM PAUTA

- 6 Eventos e comemorações na Sede Social

SEMANA DA PÁTRIA

- 10 Sessão Solene do Clube Naval celebra o Dia da Independência
- 11 A relevância da Marinha na conquista da Independência do Brasil e o contexto geopolítico atual
Prof. Dr. Ricardo Pereira Cabral

DEFESA

- 16 Saberes, pensamento crítico e superioridade cognitiva: caminhos para mitigar a era da pós-verdade, polarização política e a guerra híbrida
CMG (EN) Ali Kamel Issmael Júnior
- 22 O redesenho do mundo
Denis Lerrer Rosenfield

HISTÓRIA NAVAL

- 27 Sessenta anos da participação da Marinha do Brasil na República Dominicana (1965-1966)
CMG (Ref°-FN) Jaime Florencio de Assis Filho

FILATELIA

- 33 A Diretoria de Hidrografia e Navegação retratada pela Filatelia
CMG (Ref°) Fernando Antonio B. F. de Athayde Bohrer

REFLEXÕES

- 38 Liberdade de escolha
Cel Av Araken Hipolito da Costa

TURISMO

- 40 Da vibrante Santiago à icônica Pucón: uma travessia pelo Chile
CF (T) Rosa Nair Medeiros

REMINISCÊNCIAS

- 46 As aventuras de duas vidas
CMG (Ref°) Aguinaldo Aldighieri Soares

ÚLTIMA PÁGINA

- 50 4º Salão Itinerante “Navega Brasil”



NOSSA CAPA

A capa desta edição remete ao célebre quadro *Independência ou Morte*, de Pedro Américo, concluído em 1888 e atualmente integrado ao acervo do Museu Paulista, bem próximo do Riacho do Ipiranga, onde se deu o fato.

A obra retrata o momento histórico do *Grito do Ipiranga*, em 7 de setembro de 1822, marco da emancipação política do Brasil.

O detalhe em relevo, a mão de Dom Pedro I erguendo a espada, é a expressão simbólica de coragem e determinação, elementos indissociáveis do processo de Independência do Brasil.

CLUBE NAVAL

Av. Rio Branco, 180, 5º andar
Centro - Rio de Janeiro / RJ
Brasil - 20040-003

PRESIDENTE

Alte Esq (RMI-FN) Alexandre José Barreto de Mattos

DIRETOR DO DEPARTAMENTO CULTURAL

CMG (RMI) Alberto Piovesana Júnior

ASSESSORA DO DEPARTAMENTO CULTURAL

CC (RMI-T) Ana Cláudia Corrêa de Araujo



Revista do CLUBE NAVAL

Publicação trimestral editada pelo Departamento Cultural do Clube Naval. As ideias e opiniões emitidas nos artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião dos oficiais da Marinha do Brasil, nem do Clube Naval, a não ser que explicitamente declarado. A reprodução de matérias aqui publicadas necessita de autorização prévia da Revista do Clube Naval.

ANO 133 • Nº 415

EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Fabiana Peixoto

COLABORADOR

José Carlos de Medeiros

CONTATOS

revista@clubenaval.org.br
(21) 2112-2429 / 2425



ESCANEIE AQUI
para informações sobre
submissão de artigos

EDITORIAL

Nesta Edição da Revista do Clube Naval, tem realce mais um aniversário da Proclamação da Independência do Brasil. Na Semana da Pátria foi realizada uma Sessão Solene em alusão àquele histórico momento da vida da Nação brasileira. A alocução *“A relevância da Marinha na conquista da Independência do Brasil e o contexto geopolítico atual”* é um destaque. A essência deste tema continua evidente em *“Liberdade de Escolha”*.

No campo da geopolítica, *“O redesenho do mundo”* traz à luz as relações de forças e de interesses que estão moldando o cenário atual das relações internacionais.

Reforçando a ideia de que o conhecimento liberta, *“Saberes, Pensamento Crítico e Superioridade Cognitiva”* nos fala sobre como o excesso de informações e a instabilidade nas relações e estruturas sociais nos conduzem a um período de incertezas em um cenário marcado pela pós-verdade e polarização.

“A Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN) retratada pela filatelia” é um convite a um aprazível passeio cultural pela história da filatelia brasileira, com destaque para os faróis da costa brasileira e navios da DHN.

Em 1965 foi constituído o FAIBRAS (Força Armada Interamericana do Brasil) para atuação na Guerra Civil na República Dominicana. *“Sessenta Anos da participação da Marinha do Brasil na República Dominicana (1965-1966)”* realça a contribuição da Marinha, que participou dessa Força de Paz com tropas do Corpo de Fuzileiros Navais.

“Da vibrante Santiago à icônica Pucón” narra aspectos turísticos, históricos e culturais do vizinho Chile.

Em *“As Aventuras de duas vidas”*, são trazidas a lume reminiscências da vida de dois amigos do autor, revelando peculiaridades interessantes dessas duas pessoas.

Se é verdade que, segundo autor desconhecido, *“A Marinha é a alma da Pátria a navegar pelos mares”*, o Navio-Escola “BRASIL”, em mais uma Viagem de Instrução de Guardas Marinha, leva em seu bojo peculiar natureza cultural da alma dessa nossa grande Nação, pois é uma beleza a coleção de quadros doada por Membros da Academia Brasileira de Belas Artes para compor a *“Exposição Itinerante Navega Brasil”*. ■

Alberto Piovesana Júnior

Capitão de Mar e Guerra (RM1) • Diretor Cultural

SABERES, PENSAMENTO CRÍTICO E SUPERIORIDADE COGNITIVA:

caminhos para mitigar a era da pós-verdade, polarização política e a guerra híbrida

Ali Kamel Issmael Júnior *

O avanço tecnológico e a digitalização das comunicações não inauguraram uma era de esclarecimento, mas sim um período de incertezas, excesso de informação e instabilidade nas relações e estruturas sociais. Zygmunt Bauman (2001) denominou esse cenário de “modernidade líquida”, caracterizado pela fragmentação política, social e cognitiva. Nesse ambiente, emerge a pós-verdade, em que emoções e crenças pessoais prevalecem sobre os fatos objetivos na formação da opinião pública. Esse fenômeno contribui para o aumento da polarização política e ideológica, dificultando o diálogo racional e a construção de consensos (Keyes, 2004; D’Ancona, 2017), como representado na ilustração ao lado.

O contexto atual favorece estratégias de manipulação informacional características das guerras híbridas, que combinam revoluções coloridas⁽¹⁾ e guerras não convencionais, tendo as narrativas como elemento central de destabilização sociopolítica (Korybko, 2018). Nesse cenário, o pensamento crítico assume um papel fundamental como forma de resistência cognitiva, ética e social (Lima Martins, 2025). Este artigo, portanto, analisa como os saberes estruturantes, o pensamento crítico e a superioridade cognitiva podem mitigar os efeitos da pós-verdade e da polarização política,

além de fortalecer a defesa contra ameaças híbridas à sociedade.

OS SABERES E A ESTRUTURA COGNITIVA DA SOCIEDADE

Para compreender os mecanismos que sustentam a disseminação da pós-verdade e da polarização política, é fundamental analisar os diversos tipos de saber que estruturam a cognição social. Nagashima (2025), inspirado pela epistemologia da complexidade, propõe uma classificação essencial: senso comum,

saber religioso, saber filosófico e saber científico, conforme descrito no quadro da página seguinte.

A relação entre sujeito e objeto (S-O) no saber filosófico foi tratada de formas diversas ao longo da história, desde Descartes até Foucault, refletindo diferentes compreensões sobre como a consciência interage com o mundo. Essa interação é influenciada por

fatores históricos, sociais e materiais, o que evidencia a complexidade do conhecimento humano sobre a realidade. Quando o próprio sujeito se torna objeto de manipulação – como nas revoluções coloridas que utilizam técnicas psicológicas e guerra de informação (Korybko, 2018) –, essa relação adquire um caráter político e estratégi-



Pós-verdade e a polarização política
Ilustração gerada pelo autor no ChatGPT

TIPOS DE SABERES

(Nagashima, 2025)



SENSO COMUM

Empírico, cotidiano e funcional, útil para a sobrevivência social. No entanto, apresenta limitações por ser acrítico, baseado em tradições e generalizações. Seu problema não é existir, mas ser absoluto em situações que exigem pensamento crítico.



SABER RELIGIOSO

Baseia-se na fé, revelação e tradição, oferecendo orientação moral e existencial. Embora essencial para muitos, não se submete a evidências empíricas, tornando-se inadequado como único critério para decisões públicas.



SABER FILOSÓFICO

O saber filosófico busca a essência além das aparências por meio da reflexão, argumentação e problematização.

Baseia-se na relação S-O e no exame crítico do conhecimento. Pensadores como Descartes, Kant, Hegel, Marx, Husserl e Foucault contribuíram com distintas visões sobre essa relação. As principais correntes filosóficas acerca da relação S-O estão relacionadas abaixo.



SABER CIENTÍFICO

Diferencia-se pelo uso de métodos sistemáticos, verificáveis e falíveis. Ele busca explicar os fenômenos com base em evidências empíricas e teorias testáveis. É sempre provisório e sujeito à revisão.

co. Assim, a integração entre diferentes saberes, especialmente o científico, e o desenvolvimento do pensamento crítico tornam-se essenciais para alcançar a superioridade cognitiva em sociedades que aspiram à verdadeira democracia.

RELAÇÃO SUJEITO–OBJETO NAS PRINCIPAIS CORRENTES DE PENSAMENTO

adaptado de Nagashima (2025)

René Descartes (1596-1650): inaugura a filosofia moderna ao colocar o sujeito pensante como fundamento do conhecimento. Com a máxima "Penso, logo existo", ele estabelece a certeza do eu como ponto de partida para entender o mundo, acessível pela razão e por ideias inatas. Assim, separa-se sujeito e objeto, sendo a mente o critério da verdade.

Immanuel Kant (1724-1804): supera o realismo ingênuo ao unir empirismo e racionalismo, afir-

mando que o sujeito estrutura a experiência com categorias *a priori*. O conhecimento não é da "coisa em si", mas do fenômeno, formado pela ação do sujeito. Assim, sujeito e objeto coproduzem o conhecimento, mas este é limitado ao que o sujeito organiza.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831): supera a separação entre sujeito e objeto por meio da dialética, entendendo o conhecimento como um processo histórico em que ambos se interpenetram rumo ao absoluto. O espírito se desenvolve por contradições e superações, unindo sujeito e objeto na autoconsciência. O saber é, assim, uma totalidade em constante vir-a-ser, onde a dualidade se dissolve na unidade do real.

Karl Marx (1818-1883): reinterpreta Hegel de forma materialista, afirmando que o sujeito e o objeto estão alienados no capitalismo. A consciência é moldada pela vida social e econômica, e a supera-

ção dessa alienação exige ação revolucionária. A relação sujeito-objeto é mediada pelas relações de produção e só se equilibra por meio da transformação concreta da realidade.

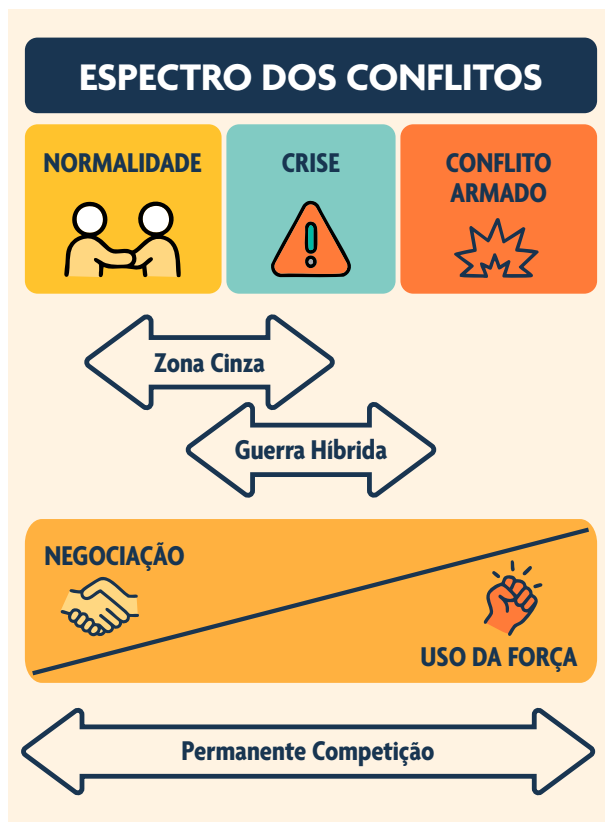
Edmund Husserl (1859-1938): funda a fenomenologia destacando a intencionalidade da consciência, sempre dirigida a algo. Sujeito e objeto estão inseparavelmente ligados, e a suspensão do juízo (epoché) permite acessar as essências dos fenômenos. O mundo é constituído pela experiência vivida, embora não se reduza apenas à subjetividade.

Ludwig Wittgenstein (1889-1951): afirmou que os limites da linguagem são os limites do mundo. Inicialmente, valorizou proposições lógicas como expressão clara da realidade. Depois, defendeu que o significado vem do uso nos jogos de linguagem, tornando o conhecimento uma prática social. A relação sujeito-objeto é pragmática, mediada pela linguagem compartilhada, sendo inseparáveis na experiência discursiva.

Michel Foucault (1926-1984): critica a centralidade do sujeito, vendo-o como construção histórica moldada por discursos e instituições. O objeto também é produzido discursivamente. A relação sujeito-objeto é política, pois saber e poder são inseparáveis, regulando o que se pode conhecer. Verdades e identidades são construções contingentes e estratégicas, sem essência fixa.

GUERRA HÍBRIDA COMO AMBIENTE ESTRATÉGICO DA PÓS-VERDADE E DA POLARIZAÇÃO POLÍTICA

A guerra híbrida é uma transformação estratégica que ultrapassa o campo militar, impactando esferas políticas, informacionais, culturais e cognitivas, com foco na desestabilização cognitiva em contextos de pós-verdade e polarização. Segundo os Fundamentos Doutrinários da Marinha – FDM (Brasil, 2023), os conceitos de Guerra Híbrida e Zona Cinza desafiam o Poder Naval ao integrarem ações convencionais, irregulares e cibernéticas fora dos limites do direito internacional. A Marinha do Brasil desenvolve esses conceitos, conforme ilustrado na imagem a seguir, que os posiciona no espectro dos conflitos.



Fonte: adaptado de BRASIL. Ministério da Defesa. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. EMA-301 – Fundamentos Doutrinários da Marinha – FDM. 2023.

Autores como Frank Hoffman (2007), Andrew Korybko (2018) e Brin Najzer (2020) evoluíram os conceitos associados à Guerra Híbrida, cada um oferecendo perspectivas distintas, abaixo relacionadas.

Frank Hoffman: a guerra híbrida integra estratégias convencionais, irregulares, terroristas e criminais, atuando simultaneamente nos domínios físico e informacional. Conforme Hoffman (2007), caracteriza-se por sua flexibilidade, ambiguidade e adaptabilidade, sendo especialmente perigosa em democracias suscetíveis à manipulação midiática e política.

Andrew Korybko: Korybko (2018) define a guerra híbrida como uma forma de guerra não convencional voltada à desestabilização de Estados e à mudança de regimes, utilizando protestos, ONGs, mídias e operações psicológicas. Ela explora divisões identitárias e sociais, amplificadas por narrativas pós-verdadeiras disseminadas pelas redes sociais e mídia digital.

Brin Najžer: define a guerra híbrida como uma estratégia de coerção internacional eficiente, de baixo custo e com possibilidade de negação plausível. Representa um desafio sistêmico à ordem liberal ocidental, sendo utilizada por potências revisionistas para testar os limites do sistema internacional sem recorrer a confrontos armados diretos.

A guerra híbrida, especialmente na era da pós-verdade, é um ambiente estratégico centrado na desinformação e manipulação da percepção. A fragmentação cognitiva e a desconfiança institucional são simultaneamente instrumentos e objetivos desse conflito. Nesse contexto, o pensamento crítico e a superioridade cognitiva tornam-se fundamentais não apenas para a educação, mas para a segurança nacional e a soberania democrática. Combater a polarização e a pós-verdade é, portanto, disputar a hegemonia cognitiva por meio da reconstrução ética e racional dos discursos.

PENSAMENTO CRÍTICO COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA À PÓS-VERDADE, À POLARIZAÇÃO POLÍTICA E À GUERRA HÍBRIDA

O pensamento crítico consiste na capacidade de avaliar argumentos com base em lógica,

evidências e honestidade intelectual (Carnielli, 2000; Lima Martins, 2025). Envolve reconhecer limitações pessoais, evitar o autoengano e considerar perspectivas divergentes. De acordo com o modelo de Kahneman (2012), retomado por Lima Martins (2025), o pensamento humano funciona por dois sistemas: o Sistema 1, rápido e intuitivo, e o Sistema 2, lento, reflexivo e analítico — onde se insere o pensamento crítico. Este requer esforço e disciplina, servindo como defesa contra vieses cognitivos, argumentos de autoridade e manipulações emocionais. Tais vieses, como demonstrado por Lima Martins (2025), resultam de heurísticas mentais e estão representados na imagem abaixo.

Em contextos marcados pela pós-verdade, polarização política e guerras híbridas, o pensamento crítico configura-se como uma defesa estratégica. Essas guerras empregam desinformação e manipulação narrativa para conquistar consciências (Hoffman 2007; Korybko, 2018), explorando fragilidades sociais e utilizando a negação plausível (Najžer, 2020). Nesse cenário, a mente humana torna-se o principal campo de batalha, e o pensamento crítico, uma expressão de soberania epistêmica. Além de resistir a manipulações emo-



cionais e discursos dominantes, o pensamento crítico também enfrenta os ataques dirigidos aos “cinco anéis” da sociedade e do indivíduo, como ilustrado abaixo. As redes sociais, por sua vez, funcionam como arenas simbólicas onde algoritmos e campanhas de desinformação alimentam golpes brandos e revoluções coloridas.



Fonte: adaptado de KORYBKO, 2018.

Dessa forma, o pensamento crítico atua como uma ferramenta contra vieses de confirmação, argumentos de autoridade, falácias e manipulações emocionais — mecanismos frequentemente mobilizados em operações híbridas de guerra informacional. Promover o pensamento crítico não é apenas uma questão educacional, mas uma exigência estratégica para proteger a sociedade de colapsos epistêmicos provocados intencionalmente por atores estatais ou não estatais engajados em campanhas híbridas de subversão.

SUPERIORIDADE COGNITIVA COMO CAPACIDADE ESTRATÉGICA

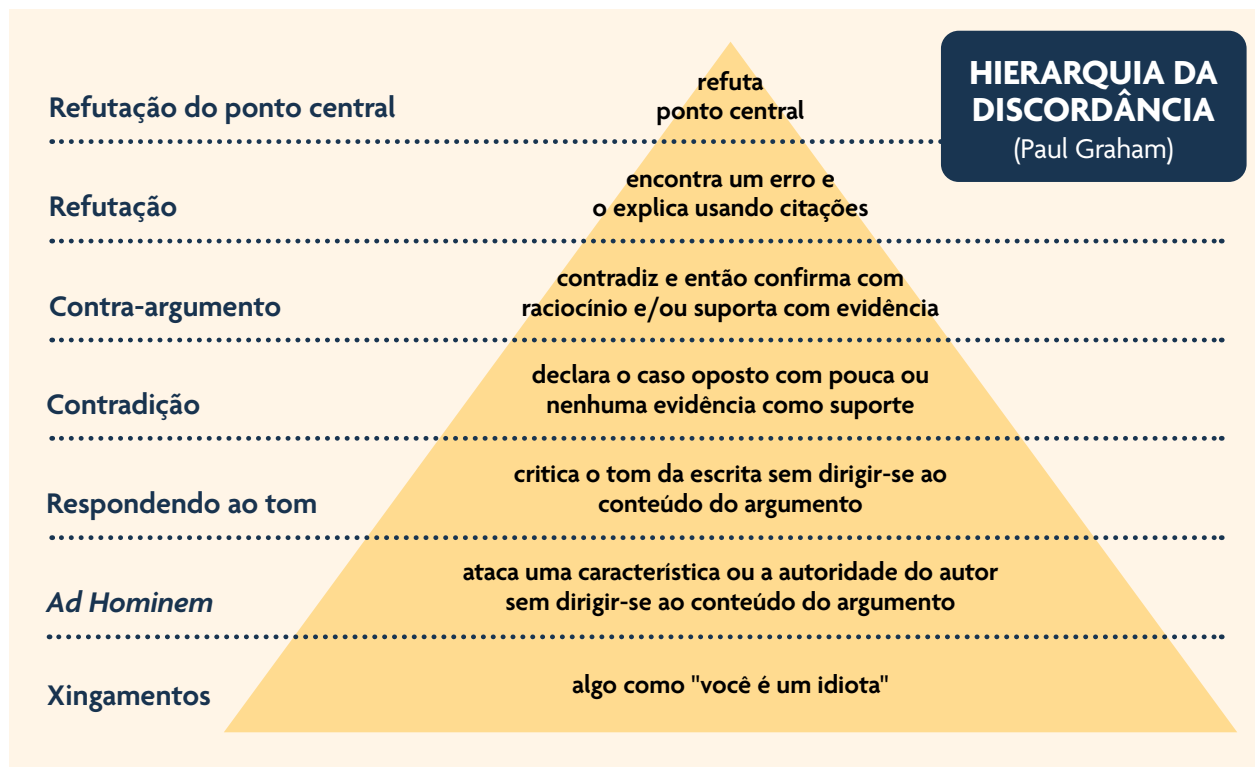
A superioridade cognitiva é definida por Hartley III e Jobson (2021) como a capacidade de perceber, compreender e agir com vantagem em contextos complexos, aplicando-se a áreas como educação, liderança e política. Grant (2021) destaca que essa habilidade exige integração de saberes, leitura de metanarrativas⁽²⁾ e adaptação ágil às mudanças. Em um cenário dominado por dados, algoritmos e propaganda, torna-se um recurso estratégico essencial para sociedades livres. Essa competência é ainda mais crucial diante das estratégias de dominação de espectro total descritas por Korybko (2018), que transcendem o campo militar e abrangem os domínios simbólico, social, informacional e psicológico.

Como complemento, o modelo da **Hierarquia da Discordância**, apresentado por Paul Graham (Lima Martins, 2025 e Graham, 2008) e representado na página seguinte, organiza os níveis de argumentação — desde ataques pessoais até a refutação fundamentada — e contribui para fortalecer a superioridade cognitiva em ambientes marcados pela polarização.

Para responder a esses tipos de ameaças, é preciso formar indivíduos e instituições com discernimento, agilidade mental e sensibilidade ética. A educação crítica e interdisciplinar aparece como vetor dessa formação, com ênfase na articulação entre saberes, interpretação de metanarrativas e habilidade de identificar padrões de manipulação.

CONCLUSÃO

Em um cenário marcado pela pós-verdade e polarização, o fortalecimento dos saberes, do pensamento crítico e da superioridade cognitiva torna-se essencial para a preservação da democracia e da civilidade. Este artigo conclui pela defesa de uma educação emancipadora, que vá além da transmissão de conteúdos e forme cidadãos capazes de interpretar, questionar e agir com discernimento, sobretudo frente às ameaças das guerras híbridas, buscando motivar reflexões que contribuam para uma sociedade mais consciente e resiliente diante dos impactos da desinformação e da manipulação narrativa sobre a soberania nacional e o bem comum. ■



NOTAS

(1) As revoluções coloridas são mobilizações sociais voltadas à mudança de regimes, utilizando redes sociais, organizações não governamentais e mídia. Apesar de aparentarem espontaneidade e caráter democrático, muitas seguem estratégias previamente planejadas, com uso de símbolos e discursos universalistas. Embora comecem de forma pacífica, podem adotar ações mais agressivas se seus objetivos não forem atingidos (Korybko, 2018).

(2) A leitura de metanarrativas é a habilidade de identificar e questionar os grandes discursos que moldam o sentido coletivo, como os de progresso, liberdade ou segurança. Segundo Grant (2021), essa leitura crítica permite reconhecer os interesses e estratégias por trás desses discursos, sendo especialmente relevante em contextos de guerras híbridas, onde o controle narrativo é fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
 BRASIL. Ministério da Defesa. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. EMA-301 – Fundamentos Doutrinários da Marinha – FDM. 2023.
 CARNIELLI, Walter A. Pensamento crítico. Campinas: Editora Unicamp, 2000.
 D'ANCONA, Matthew. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. São Paulo: Faro Editorial, 2017.
 DESCARTES, René. Meditações metafísicas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
 FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
 GRAHAM, Paul. *How to disagree*. 2008. Disponível em: <https://paulgraham.com/disagree.html>. Acesso em: 28 maio 2025.
 GRANT, Adam. Pense de novo: o poder de saber o que você não

Fonte: adaptado de LIMA MARTINS, 2025 e GRAHAM, 2008

sabe. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.
 HARTLEY III, Dean S.; JOBSON, Kenneth O. *Cognitive superiority: information to power*. Cham: Springer, 2021.
 HEGEL, G. W. F. Fenomenologia do espírito. Petrópolis: Vozes, 2008.
 HOFFMAN, Frank G. *Conflict in the 21st century: the rise of hybrid wars*. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007.
 HUSSERL, Edmund. Investigações lógicas. São Paulo: Edusp, 2006.
 KAHNEMAN, Daniel. Rápido e devagar: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
 KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. São Paulo: Nova Cultural, 2001.
 KEYES, Ralph. *The post-truth era: dishonesty and deception in contemporary life*. New York: St. Martin's Press, 2004.
 KORYBKO, Andrew. Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
 LIMA MARTINS, Cláudio Luiz de. Pensamento crítico. Escola de Guerra Naval. Curso de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM) 2025. Apresentação em PowerPoint. Marinha do Brasil. 2025.
 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.
 NAGASHIMA, O. H. Metodologia para Trabalhos Científicos. Escola de Guerra Naval. Curso de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM) 2025. Apresentação em PowerPoint. Marinha do Brasil. 2025.
 NAJŽER, Brin. *The hybrid age: international security in the era of hybrid warfare*. London: I.B. Tauris, 2020.
 WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

* Capitão de Mar e Guerra (EN), Aluno do C-PEM 2025 na Escola de Guerra Naval